

# Previsto acordo com bancos

País parecia "um barco à deriva", diz fonte ligada à negociação da dívida

**MOISÉS RABINOVICI**  
Nosso correspondente

WASHINGTON — O Brasil "estava dando a impressão de uma barco à deriva, mas agora sabemos que tem alguém no timão", disse uma fonte envolvida nas negociações da dívida brasileira, ontem, prevendo que um acordo poderá ser anunciado enquanto o ministro Mailson da Nóbrega estiver nos Estados Unidos, na próxima semana.

"O acordo está por detalhes burocráticos e legais. Só o seu rascunho já alcançou as 78 páginas", disse a mesma fonte, acrescentando,

quando consultada sobre as primeiras medidas de redução do déficit público anunciadas anteontem: "Só o fato de terem sido adotadas já provocou um efeito positivo e salutar. Duvidava-se que saíssem. Isto produziu um novo ânimo".

Alguns banqueiros, ouvidos pelo **Estado** nos últimos dois dias, confirmam que "estamos chegando ao fim"; mas não arriscam fixar um prazo. As negociações, que começaram em 25 de setembro, já passaram por vários momentos considerados finais. Mesmo a quantia fixada e anunciada, de US\$ 5,8 bilhões, pode variar, dependendo da abran-

gência da redução das taxas de risco que incidem sobre a dívida.

Um dos banqueiros, lembrando que os negociadores já ficaram debruçados sobre um número por vários dias e noites, nos últimos seis meses, perguntou: "Quem garante que os por centos que faltam definir alguns pontos do acordo não exijam mais tempo?" A sua esperança é a de que "as questões substantivas" sejam resolvidas entre o ministro Mailson da Nóbrega e a presidência do comitê assessor dos bancos credores, na segunda-feira.

Esse banqueiro concorda com

técnicos do FMI que acham "modesto" o conjunto de medidas adotadas anteontem pelo governo brasileiro para reduzir o déficit. "O Brasil tem que conseguir uma redução de até 3,5% em relação ao PIB, pelo menos", diz ele, apressando-se em concluir: "Mas é muito bom e estimulante que o ministro Mailson da Nóbrega tenha aberto o caminho". Para ele, só cortando o déficit que "o Brasil poderá chegar a algum entendimento com o FMI" — e disso dependem o próprio pacote de médio prazo, a retomada das negociações com o Clube de Paris e eventuais empréstimos japoneses.